

B. N. L.

18391

H.-G.

MARIA PAULA DE AZEVEDO

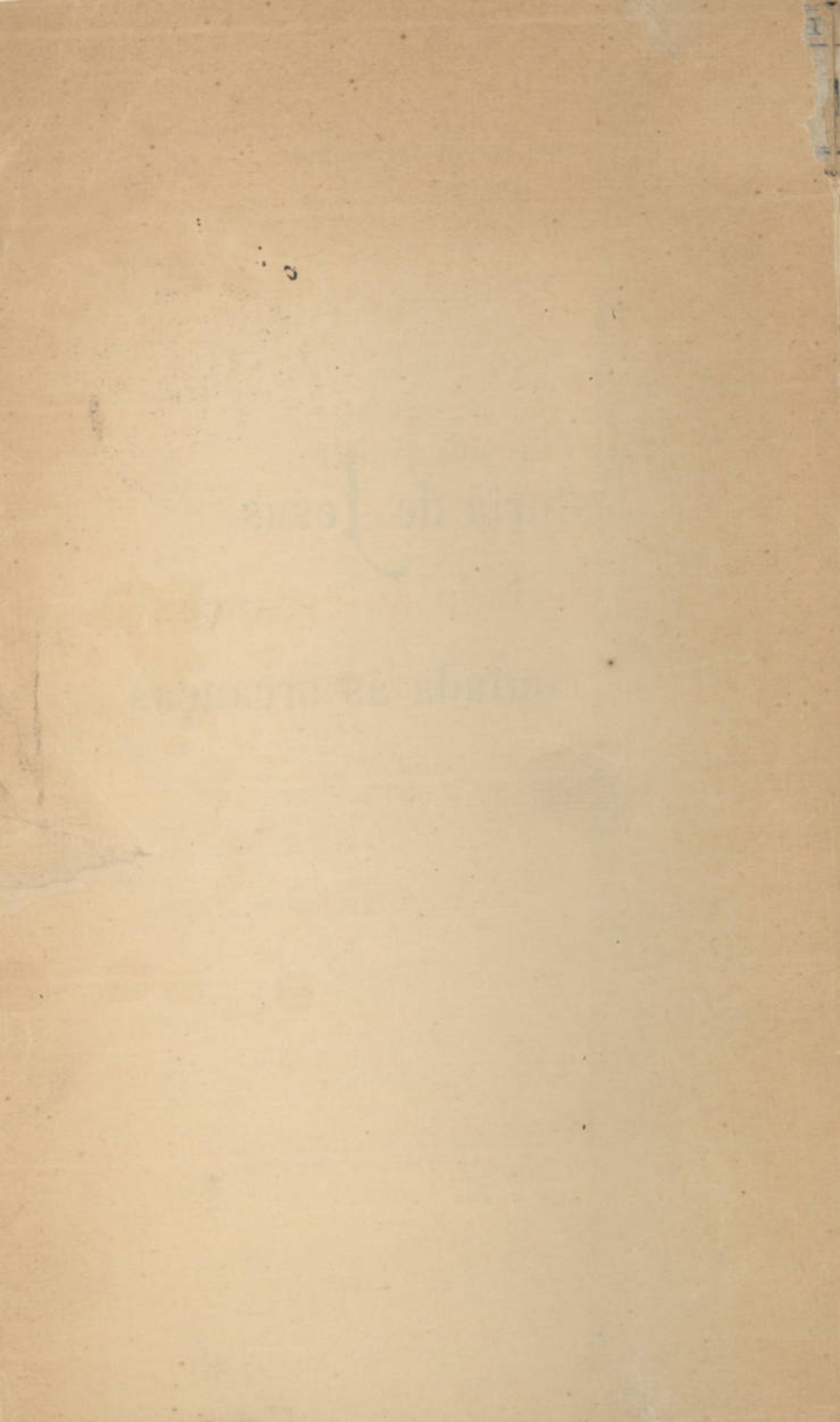
# A Historia de Jesus

contada ás creanças

1913

L.

91



18391

MARIA PAULA DE AZEVEDO

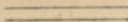
IMP LEG.

56234



# A Historia de Jesus

contada ás creanças

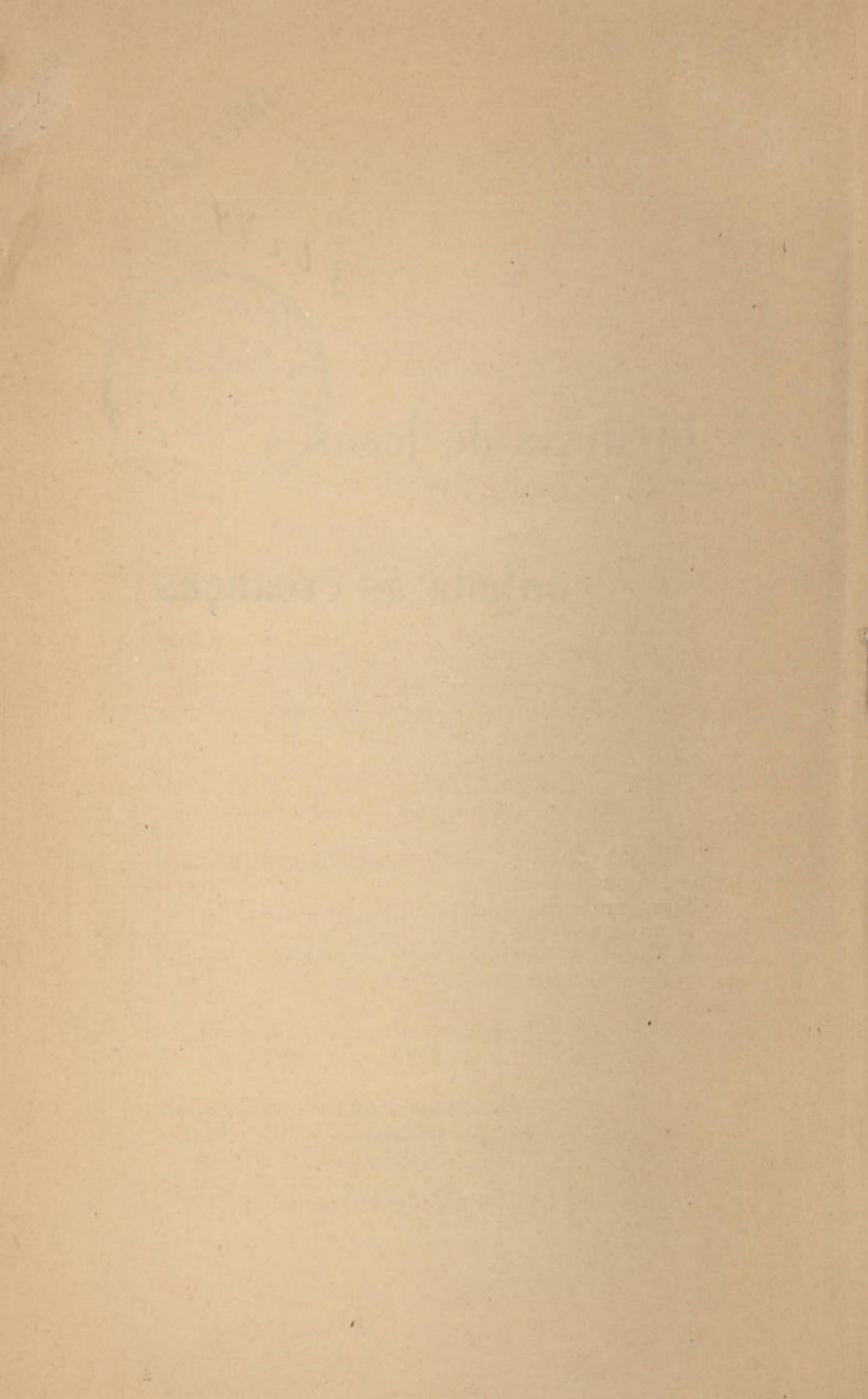


==== LISBOA ====

× TIPOGRAFIA UNIVERSAL ×

RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 110

==== 1913 ====



## CAPITULO I

Estavam todos em volta da chaminé n'aquella noite fria de dezembro.

A sr.<sup>a</sup> Maria, a avó, dormitava n'um canto; o José Antonio, cansado do trabalho do dia, fumava o seu cachimbo em silencio; a Francisca sempre activa, fazia meia á luz d'uma candeia pequena; e a creançada, uns mais ensomnados que outros, estava sentada no chão a aquecer os pés descalços.

— O' avó — começou o Joaquim muito de rijo, para que a sr.<sup>a</sup> Maria o ouvisse bem — ó avó, porque não conta uma historia?

O Joaquim tinha 10 annos, e um dos seus grandes gostos era ouvir historias.

— Sim, sim, uma historia — murmurava a Theresinha, já quasi a dormir.

— A historia do coelhinho, avó! — lembrou o Manuel que, apezar dos seus 9 annos era quem tratava dos coelhos da mãe.

— Qual coelhinho! — atalhou o Joaquim com impaciencia — uma historia de pessoas, avó, onde haja ladrões e fadas e tudo quanto ha.

A sr.<sup>a</sup> Maria accordára pouco a pouco com o dialogo dos netos; habituada, como estava, a estes pedidos, começou a pensar na historia que mais poderia divertil-os.

— Temos o Natal á porta, meus meninos! e qual de vocês é que sabe a historia linda do Menino Jesus?

— Eu já a ouvi contar por alto, — disse o Joaquim, — mas não dei muita atenção e não me lembra bem.

— Conte lá, avósinha, conte — pediu a Thereza já completamente accordada.

— Pois sim — respondeu a avó — mas como é uma historia comprida, fica um bocadinho para cada noite; e quando chegar o Natal, já todos conhecem bem o nosso lindo Menino Jesus.

— Só a pachorra de vocemecê... — disse o José Antonio, enchendo o seu cachimbo.

— Lá isso — continuou a Francisca — para contar historia á miuçalha é que ninguem chega á minha mãe!

— Ainda bem! ainda bem! — exclamou o Joaquim batendo as palmas; — vá lá, avó, não espere mais tempo, não?

— Bom, bom, meu rapaz, cá vae a historia do Menino Jesus.

Era uma vez um menino muito lindo, muito bom-sinho, muito pequenino, que vivia n'uma terra chamada *Naẏareth*, com a sua mãe e o seu pae. O pae chamava-se José.

— Era como o pae — interrompeu a Therezinha.

— Chamava-se José — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — e era um bom carpinteiro.

Passava os dias a trabalhar na madeira, a concertar bancos, a fazer mēsas, e todos n'aquella terra gostavam immenso d'elle. A mãe do menino chamava-se Maria.

— Como a avó! — gritou o Manuel.

— Sim meu filho. Era uma rapariga alta, bonita, com grandes cabellos escuros muito compridos, e quando ella os soltava para se pentear, aquillo era, como um manto que lhe cobria os hombros!

— Que lindo! — disse o Joaquim.

— Era lindo, era — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria.

— Mas o que era mais lindo ainda era o coração de Maria!

Não podia vêr alguém na afflicção que não fosse logo consolar e acarinhar; não podia passar por um pobre sem que logo lhe dēsse alguma coisa, embora fosse pobre tambem e nem sempre em casa houvesse pão de sóbra.

O que é certo e que José e Maria eram muito queridos n'aquella terra e que até se dizia que eram santos. Pois se elles só faziam o Bem!

Eram bem santos, isso é que eram.

Quando o Menino nasceu, tinham elles sahido de Nazareth; e iam a caminho d'uma terra chamada Belem. Nasceu n'um estábulo, coitadinho, onde estava uma vacininha por signal e onde José e Maria se tinham recolhido, mesmo á entrada de Belem.

E como a fama da santidade d'elles era muito grande e se dizia que o Menino era mesmo um filhinho de Deus, vieram vê-lo muitos pastores que por ali andavam com os seus rebanhos.

O Menino era um encanto! Muito gordinho, com uns olhos tão grandes e tão serios que parecia entender as pessoas!

— O' avó, a avó viu-o? — perguntou o Manuel.

— Infelizmente não, meu filho; já lá vão tantos annos que isto se passou! Mas tenho o Menino Jesus tanto na ideia, que é como se o visse.

E quando chega o Natal, que foi o dia em que elle nasceu, parece mesmo que o estou vendo, a dormir no regaço da Mãe...

— Vocemecê muito bem sabe contar! — disse a Francisca, enternecida.

— Mettem-se a fallar pelo meio e não a deixam continuar — resmungou o José Antonio aborrecido.

— E como eu estava dizendo — continuou a avó — encheu-se o estábulo de pastores e de mulheres do campo, para verem o santo Menino.

Todos o beijavam, todos o adoravam; e a creancinha parecia entender os louvôres que lhe diziam!

E como a fama da santidade dos paes chegára até muito longe, logo se espalhou por muitas terras que nascêra um Menino Santo que era uma formosura; e até uns reis muito ricos, que por lá havia, quizeram vir vêr o Menino.

Um d'elles era preto; mas nem por isso deixava de ser muito bom, coitado, e não vinha menos carregado de presentes do que os outros dois.

Chamavam-se os tres Reis Magos, Melchior, Belchior

e Balthazar, que era o preto. Foi 15 dias depois do Menino nascer, que elles chegaram ao pé d'elle; e...

— Então por isso é que ha o *dia de Reis*, avó? — disse o Joaquim;

— Pois é, meu amor; é o dia 6 de janeiro.

Quando o Menino já estava mais crescidinho! (porque enquanto são muito pequeninos não é bom andar a passeiar com as creancinhas) José e Maria resolveram fazer a sua jornada de volta para Nazareth.

O Menino ia ao collo da Mãe; e de vez em quando ella tinha de se sentar n'uma pedra do caminho para elle mamar.

Emfim, foram andando, andando, até que viram ao longe umas luzinhas. José disse «Parece-me bem ser já Nazareth»; e com a ideia que estavam a chegar ao seu destino, já nem sentiam cansaço algum.

Ainda andaram um bocado até que chegaram á sua casa, e pouco depois foram todos deitar-se.

E sabem os meus meninos que a Therezinha já adormeceu? Vamos todos para a cama; o resto fica para amanhã.

— Dorminhoca — gritou o impetuoso Joaquim, sacudindo a irmã — dormir com uma historia tão bonita! — e abafou a sua indignação dando as boas noites e indo tambem deitar-se.



## CAPITULO II

Na manhã do dia seguinte, apenas se levantou, o Joaquim correu para a avó e deu-lhe os bons dias.

— O avó continue a historia, sim?—supplicou elle; — estou com tanta vontade de saber o resto!

— Nada, menino, isso é para o serão. Cada coisa á sua hora. Vae para a escola, anda marôto — respondeu a sr.<sup>a</sup> Maria dando-lhe um leve açoite e rindo.

— Então logo, logo, a seguir á ceia, começa, sim?

— Pois sim, meu rapaz, está dito — e o Joaquim lá foi a correr para a escola.

A sr.<sup>a</sup> Maria foi direita á cama do Manuel para o accordar; e tambem ahi teve o gôsto de sentir o grande interesse que a historia do Menino Jesus ia despertando, pois o pequeno, mal viu a avó, perguntou:—E quando chegaram a Nazareth o Menino ainda ia a dormir?

— Ainda sim, Manuel; aquillo é que elle dormia... — respondeu a sr.<sup>a</sup> Maria.

— Vá, toca a ir para a escola, mandrião — continuou ella — olha que a mãe já está na queijaria, ha bom tempo! O pae anda com os bois, e até a Therezinha corre por ahi que nem um maçarico.

Logo é que segue a historia; vamos, Manuel, uma ensaboadela nessa cara de somno — e a sr.<sup>a</sup> Maria puxava-o para fora da cama.

Quando chegou a hora do serão, todos tinham tomado os logares da vespera. O José Antonio bateu com

o cachimbo na pedra da chaminé, para bem cair a cinza e encheu-o com cuidado, calcando o tabaco com os dedos; a Francisca installou-se com a sua meia perto da luz; e os pequenos fixavam os olhos attentos no rosto bondoso e envelhecido da sr.<sup>a</sup> Maria, cujo olhar estava vivo e esperto, desafiando o seu somninho habitual.

— Como eu ia dizendo — começou ella toda sorridente — Maria, José e o Menino pouco se demoraram em Belem; só lá tinham ido porque viéra uma ordem do imperador Augusto para lá se apresentarem.

— Para quê, avó? — perguntou o Joaquim.

— Acho que era para contar as pessoas d'aquellas terras; mas se queres que te diga, nem tenho a certeza.

— Nem importa para nada — observou o José Antonio — tal está a mania de se metterem na conversa...

— Mas que sustos os esperavam em Nazareth uma temporada depois de lá estarem! Crédo, Jesus, Maria!

Vieram a saber que o rei d'aquella terra, um brutinho, Deus me perdôe, chamado Herodes, ouvira dizer que tinha nascido um menino destinado a ser rei no logar d'elle; e mandára os seus soldados matar todos os meninos que tinham nascido por aquella occasião!

— Ai se elles o apanham! — observou o Manuel afflicto.

-- Deixa ouvir — atalhou o Joaquim, empurrando o irmão.

— Eh lá rapazes! — ameaçou a Francisca.

— Então, então — disse a sr.<sup>a</sup> Maria — não vale zangar. E como eu dizia, andavam os soldados do rei Heródes a matar, a matar, todos os meninos, que tinham nascido havia pouco.

E os gritos das mães, os choros dos paes, como se ouviam atravez d'aquelles campos!

Tanto foi — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — que esses clamôres chegaram aos ouvidos de José «Ai que vae ser de nosso Jesus pequenino» diz elle a Nossa Senhora...

— Então a mãe do Menino era a Nossa Senhora? — perguntou a Therezinha.

— Pois então? — respondeu a avó — E Nossa Se-

nhora a chorar, a chorar, coitadinha, cheia de susto e d'afflicção. «Ai de nós, dizia ella, vão dar com o nosso Menino! Vão cortar-lhe a sua cabecinha! Vão arranca-lo dos meus braços» E José a querer consolal-a, mas como?

— Se fôsse comigo — disse o Joaquim — corria com o menino ao collo a fugir, a fugir, e levava tamanha deanteira aos soldados que não me apanhavam!

— Pois foi o que José e Maria resolveram fazer. Pegaram no Menino e embrulharam-no muito bem. Compraram uma burrinha e Nossa Senhora montou n'ella com o Menino ao collo, emquanto o bom S. José ia a pé ao lado da burrinha.

Assim foram a fugir para o Egypto, onde o tal Herodes já não mandava nada. Mas o caminho era tão comprido! Volta e meia tinham de descansar; a burrinha punha-se a pastar e Nossa Senhora sentava-se a dar de mamar ao Menino, emquanto o bom do S. José ia apanhar tamaras e outros fructos para irem comendo.

— O que são tamaras, avó? — perguntou o Manuel.

— E' uma fructa que ha em latas — respondeu o Joaquim.

— Ha em latas, porque assim as accommodam para virem de longe — respondeu a avó — mas é uma fructa bem bôa, que nasce d'umas palmeiras muito lindas, com grandes ramagens.

Foi debaixo d'uma d'essas palmeiras que Nossa Senhora descansou pela primeira vez, e, como as estradas eram cheiinhas de sol, aquella rica sombra consolou-a muito.

Depois metteram por um grande campo de tremoços; e com a passagem da burrinha, os tremoços iam batendo tanto uns nos outros, que Nossa Senhora toda se arreceiava que ao longe os soldados do Herodes dessem pela fuga d'elles.

E disse assim para os tremoços, como se elles pudessem entender: «Ai marôtos que fazem tanto barulho! Tambem, nunca hão-de matar a fome e a sede a ninguem!» E é certo isso, digam lá que não!

— Ora, é bem bom comel-os — observou a Therezinha.

— Mas então antes de Nossa Senhora passar por lá, elles eram differentes. avó? — interrogou o Joaquim.

— Julgo que não, rapaz; mas isto é uma historia que contam, porque Nossa Senhora era santa de mais para se pôr com castigos e zangas.

E tanto andaram, que chegaram enfim ao Egypto sem que os soldados pudessem sequer vel-os de longe...

— Ainda bem! — gritaram os dois rapazes batendo as palmas.

— E agora — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria, — tambem nós chegámos á hora da caminha. Vem ao meu collo, Thezinhinha, que já te não tens em pé — e a boa da avó, ainda rija apezar dos 75 annos, levou a creança para a cama, enquanto paes e filhos se davam as boas noites.

### CAPITULO III

O dia que se seguiu era um Domingo, e foram todos á missa das 10.

Quando chegaram á igreja ainda o padre lá não estava. O Joaquim procurou com os olhos a imagem grande de Nossa Senhora, que sorria para o povo, com o Menino Jesus no regaço; e pareceu-lhe que a via pela primeira vez na sua vida!

Descobriu mesmo que nunca tinha olhado para ella; e gostou tanto de ver o rosto suave de Jesus, que não poudes deixar de segredar á sr.<sup>a</sup> Maria — O' avó, olhe que Elle está mesmo, mesmo, a rir para a gente!

— Quem, meu filho? — perguntou a sr.<sup>a</sup> Maria.

— O Jesusinho, avó, não vê?

A avó sorriu sem dizer nada; mas lá por dentro ficou toda contente com o enternecimento do Joaquim.

A' noite lá estava o fiel auditorio, todo attento á espera da narrativa.

O José Antonio costumava ir aos domingos jogar a bisca para a tenda da esquina; mas d'esta vez parecia ter esquecido o seu velho habito, e estava sentado ao canto da chaminé, fumando em silencio.

A Francisca, como era Domingo, não tinha a sua

meia; sentára a Therezinha no collo e preparava-se para ouvir com toda a attenção.

— Estavamos quando elles tinham chegado não me lembra aonde, avó — começou o Joaquim.

— Foi a seguir aos tremochos — observou a Therezinha.

— E ás tamaras — disse o Manuel.

— Vocês mettem a viola no sacco ou não? — ralhou o pae com força.

— Bom, bom — disse a Francisca — caladinhos como ratos ouviram? Agora toca a ouvir a avó.

— Tinham então chegado ao Egypto — começou a sr.<sup>a</sup> Maria muito sorridente — Depois de arran-jarem pousada para essa noite, começaram a pensar nas coisas da sua vida, que não lhes estavam correndo nada bem.

No dia seguinte o bom S. José foi logo tratar de arranjar trabalho; e como os carpinteiros são sempre precisos, para fazer portas, janellas e tudo o mais que é de pau, S. José encontrou bastante trabalho e veio para casa mais contente.

Trataram de alugar uma casa barata, que haviam de pagar á medida que S. José fosse ganhando.

E assim foi passando o tempo, e o Menino ia crescendo que era um louvar a Deus.

Quando tinha 4 ou 5 annos brincava pela rua com outras creanças da sua idade; mas de nenhuma Elle gostava tanto como de um rapazinho chamado João, filho d'uma mulher chamada Salomé.

A amizade entre o Menino e o João foi sempre tão grande que durou até á hora da morte.

— Qual foi o que morreu primeiro, avó? — perguntou o Joaquim.

— Foi Jesus, meu rapaz; e o seu amigo João, que mais tarde foi chamado S. João Evangelista, depois lhes explico porquê, foi quem amparou e consolou a Mãe Dolorosa... Mas isto é para o fim; vamos continuando com a historia da meninice do Menino.

Uma vez, tinha o Menino 12 annos, teve José de ir a Jerusalem e levou Jesus. Ora aconteceu que o Menino quiz ir ao Templo (que é como quem diz á igreja) rezar; e S. José lá o deixou.

Quando eram horas de se ir embora, e S. José voltou

ao Templo, qual não é o seu espanto, ao ver o Menino rodeado dos doutores, tudo homens barbados e importantes, a discutir com elles, a explicar-lhes os livros antigos e a mostrar tamanha sabedoria, que os homens estavam prostrados de espanto!

— E quem lhe tinha ensinado a Elle essas coisas? — perguntou o Manuel.

— Então eu não disse já que chamavam a Jesus o *Filho de Deus*? Não era um menino como os outros, está bem de ver. E tamanha sabedoria, junta a tamanha bondade, era uma coisa que nunca se tinha visto, e que nunca mais se tornou a ver!

Passados uns annos, veio a morrer o tal brutinho do rei Herodes; e se bem que o filho d'elle, (que se chamava Herodes, por signal) tambem fosse muito mau homem, S. José, Nossa Senhora e o Menino Jesus, sahiram do Egypto e voltaram para Nazareth.

Ahi recomeçou S. José a sua vida de trabalho; e Jesus era já tão bom operario, que a todos maravilhava, não só pela perfeição do seu trabalho, como pela grande bondade do seu coração.

Ora estava escripto nos livros antigos dos judeus que havia de nascer um dia um Messias; que este Messias havia de ser Rei dos judeus; e que havia de ser o seu Rei, pela sua bondade, pela sua grandeza d'alma, pelo seu grande amor por elles.

— O' avó, que quer dizer Messias? — perguntou o Joaquim.

— Quer dizer — disse a sr.<sup>a</sup> Maria — aquelle que é esperado e desejado, percebes?

Ora tendo muitos judeus d'aquella terra (porque isto passava-se na Judéa, que era a terra d'elles) sabido da bondade e da grandeza de Jesus, estavam convencidos que era Elle o Messias; que era Elle o seu Rei; e que só podia ser o Messias quem era admiravel e santo como Jesus era.

Mas, meus filhos — proseguiu a avó com tristeza sincera — não podiam alguns dizer isto sem levantar invejas e odios; e pouco tempo depois de se espalhar que Jesus era Messias esperado pelos judeus, começaram os judeus maus a apupal-o, a detestal-o e a chamar-lhe impostor e falso!

— Se eu lá estivesse... — murmurou o Joaquim.

— Bem, por hoje basta — disse a sr.<sup>a</sup> Maria.

— Eu aposto que Elle acaba por correr todos os judeus maus á pedrada — declarou o Manuel com firmeza.

— O rapaz está patéta — resmungou o José Antonio levantando-se para se ir deitar.



#### CAPITULO IV

— Ora é tempo que eu vos fale — começou a sr.<sup>a</sup> Maria no dia seguinte á noite — num outro companheiro de Christo, que...

— Mas quem era Christo, avó? — perguntaram os dois pequenos a um tempo.

— Ai que já me esquecia de vos explicar — respondeu a avó com um sorriso. — Christo quer dizer o escolhido do Senhor, o *ungido*, o que foi *sagrado* para Rei; assim chamavam os judeus bons a Jesus.

— O' avó, eu não percebo bem uma coisa — observou o Joaquim; — pois se Deus Nosso Senhor é Jesus, como é que Jesus rezava a Deus, que era Elle mesmo?

A sr.<sup>a</sup> Maria coçou a cabeça e ficou um minuto calada. Depois disse: — Olha, Joaquim, a nossa religião diz que ha um Deus em tres pessoas; tu não te benzes?

— Padre, Filho e Espirito Santo, avó — respondeu o pequeno, benzendo-se.

— Pois, Padre é o Senhor a quem os judeus rezavam; Filho, foi o nosso bom Jesus Christo; Espirito Santo está mesmo a palavra a dizer o que é...

— Mas então são tres! — exclamou o Manuel.

— Não, Manuel, é porque a gente não percebe bem: Olha lá, se um rato entrar n'este quarto, póde perceber bem que os vossos paes são casados? Que vós sois filhos d'elles? Que a vossa mãe é a um tempo

esposa d'um, filha d'uma e mãe de outros? — disse a sr.<sup>a</sup> Maria muito excitada.

— Também parecem tres e afinal é só a mãe, — observou o Joaquim, pensativo.

— Pois é, vês tu? — disse a avó triumphante: — E sabem que mais? eu cá não sei fazer certas explicações; eu estou aqui para lhes contar a historia de Jesus Christo, tal como m'a contou a minha mãe que Deus haja; e essa historia é tão linda e gosto tanto d'ella, que nem vale a pena estar para ahi a matutar em coisas que a gente não percebe, em logar de continuar a contar.

— Agora é que vocemecê falou d'oiro — disse o José Antonio.

— Então lá vae o resto, pequenada. Crédo que até já lhe perdi o fio... — e a boa velha poz-se a pensar um momento. — ah, já sei, — disse ella de repente; — ia falar-lhes de João Baptista.

Já havia bastantes annos, (e ainda Jesus era um peizinho) que um pastor chamado João andava prégando o Bem por aquellas terras e ensinando os bons sentimentos a uns, ralhando a bom ralhar com os que eram maus.

Ora quando Jesus ouviu dizer que elle estava n'aquella região, foi logo ter com elle, e pedir-lhe que o baptisasse.

Porque o pastor João é que tinha instituido o baptismo: quando a pessoa tinha o desejo, bem do coração, de se tornar melhor e de se purificar, quer dizer, de ficar mais pura de sentimentos, elle baptisava-a, deitava-lhe agua por cima; como quem diz, *lavava* a pessoa dos seus erros.

Já se vê que não era propriamente a agua que tirava a maldade ás pessoas; a agua era para bem assentar a idéa da limpeza de coração em que se ficava e o que fazia as pessoas melhores, era a *grande vontade* que tinham de se purificar pelo baptismo.

— Mas agora — interrompeu o Joaquim — quando a gente se baptisa, ainda é tão pequenininho que não tem desejos de nada, avó!

— Sim, meu rapaz; porque agora em vez de se fazer o baptisado como n'aquelles tempos, faz-se logo que

a creancinha está capaz de sahir; e em vez de ser a pessoa que sente o desejo de se purificar, são todas as pessoas da familia que estão a desejar que a creança seja pura, boa e linda de coração, percebes?

— Assim, assim, avó — respondeu o Joaquim desconsolado.

— Mais tarde, quando se tem 14 ou 15 annos, ha então uma espécie de 2.º baptismo, que se chama a confirmação.

Mas olha, Joaquim, não te desconsolés, porque ha muita coisa que a gente vae percebendo a pouco e pouco.

Ai os marotos que me cortam o fio á historia! — e a sr.<sup>a</sup> Maria não sabia já em que ponto interrompera.

— Era o baptisado de Jesus, avó — lembrou o Joaquim.

— E' verdade; lá vae o seguimento — continuou a avó.

— Foi então Jesus ter com o pastor João e com toda a humildade lhe pediu que o baptisásse, pois que queria purificar-se dos seus erros. Como se Elle os tivesse!

Mas João (a quem se chamava o *Baptista*, quer dizer o que baptisa) depois de reconhecer n'Elle o santo Jesus Christo que tanta fama tinha da sua bondade, disse-lhe: «Mas tu és o Messias, e mais te compete a ti baptisar-me!» — Mas Jesus quiz que elle o baptisásse; e assim S. João Baptista o baptisou.

— E o outro João amiguinho do Menino, avó? — perguntou a Thereza, accordando d'um somno, que a explicação do baptismo tornára profundo.

— Esse era sempre o grande amigo de Jesus, meu amor; e chamaram-lhe mais tarde João Evangelista, porque elle era um dos que, depois de Jesus morrer...

— Que pena Elle morrer! — suspirou o Manuel.

— depois de Jesus morrer — continuou a avó — foi prégar as ideias e a doutrina d'Elle, ás quaes se chama o *Evangelho*; mas isso explico depois.

— Mas só esse João é que prégo, avó? — perguntou o Joaquim.

— Não, meu filho, houve muitos outros; mas como havia no tempo de Jesus 2 Joões que andaram com Elle, (se bem que o Baptista era muito mais velho) diz-se d'um, o *Baptista*, e do outro...

— O *Evangelista* — concluiu o Joaquim.

— Pois é — respondeu sorrindo a boa mulher. — Até aos trinta annos, continuou Jesus Christo a viver em Nazareth ou numa terra perto chamada Capharnaüm.

— Crédo, tia Maria, que diabo de nome — murmurou irresistivelmente o José Antonio.

— Nem sei como vocemecê se lembra d'elle — observou a Francisca.

— Vá avó, não pare — disse o Joaquim impaciente.

— A paciencia era uma das melhores bellezas de Jesus — observou a sr.<sup>a</sup> Maria olhando intencionalmente para o neto; — e quando fallava com um exaltado, ou com uma pessoa cheia de zanga, a sua serenidade, que é como quem diz, o seu socogo, e a sua doçura, eram tão grandes, que acalmava logo a zanga ou a impaciencia do outro.

N'aquelle tempo havia um costume muito feio e muito maldoso que lhes vou contar. As pessoas mais ricas, compravam, além de cães e gatos para as suas casas, homens e mulheres para os servir!

— Crédo! — exclamou a Francisca.

— Chamavam-lhes os seus *escravos* e faziam d'elles tudo o que queriam: batiam-lhes, faziam-nos puxar á nora...

— Como os bois! — disse o Joaquim indignado.

— Tal qual; os escravos faziam serviços ás vezes mais pesados do que os animaes. Mas estava tanto nos costumes, que ninguem achava isso mau.

— Que gente tão má, avó! — disse o Manuel.

— Aquillo eram os costumes; e todos achavam que assim devia ser.

Mas Jesus, embora fosse creado entre aquella gente, começou a prégar que deixassem todos os homens e mulheres trabalhar livremente; que se uns valiam mais que outros, era pela bondade do seu coração e mais nada; e que, depois de morrer, os bons é que seriam felizes e os maus até seriam esquecidos e amaldiçoados pelos que tinham ficado na terra.

Mas por hoje acabou-se, — concluiu a sr.<sup>a</sup> Maria; — e já foi mais do que devia ser.

— Gosto tanto de a ouvir, avó! — disse lhe o Joaquim, dando-lhe as boas noites e beijando-a.

## CAPITULO V

— Venha para a sua faina, mãe — disse na noite seguinte a Francisca para a sr.<sup>a</sup> Maria; — olhe que já agora, vocemecê só terá descanso com a morte de Nosso Senhor!

— Que gostem de ouvir, gosto eu — respondeu a boa velha — e se me andassem a tombar de somno é que eu me arreliaiva! — acrescentou ella a rir.

— Vá lá, avó, — disse o Joaquim já no seu logar habitual, — estava a falar dos taes homens comprados, que puxavam á nora, lembra-se?

— Sim, rapaz, os *escravos*; e olha que não eram só homens: mulheres, creanças, havia de tudo.

Pois como eu ia dizendo, — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — um dos primeiros desejos de Jesus, quando chegou a homem, era vêr se conseguia acabar com a escravatura, que era, como eu disse já, a compra de homens e mulheres como se fossem coisas ou animaes.

Havia até mercados de escravos onde os ricos os iam escolher!

— Louvado seja Deus! — disse a Francisca.

— Corja de brutos... — resmungou o José Antonio.

— Pois era assim, meus filhos. A primeira vez que Christo disse que escravos e donos eram tanto uns como outros e que só a bondade dos sentimentos é que valia alguma coisa, houve zangas e barulhos a valer. Os que tinham escravos, os tinham pago caros e os consideravam até menos do que os animaes, levantaram-se contra Jesus! Mas todos os pobres, todos os humildes, todos os fracos, esses puzeram-se a adoral-o,

a abençoal-o, a querer-lhe tanto que esqueciam tudo e todos para o seguir e acompanhar nas suas prégações.

— E Nossa Senhora onde é que estava? — perguntou a Therezinha.

— Nossa Senhora toda se apoquentava em casa, enquanto o seu Filho amado andava a prégar — respondeu a sr.<sup>a</sup> Maria; — ella bem via que aquellas ideias santas não podiam agradar aos maus; e que a gente mais rica, importante e poderosa, eram exactamente aquelles que mais maldade tinham.

Mas no meio d'esses maus, ainda havia alguns que ouviam com respeito a palavra de Jesus; e era com tanta doçura e tanta bondade que Elle lhes fazia ver os seus erros, que muitas vezes se corrigiam, davam a liberdade aos seus escravos e seguiam o Senhor para mais o ouvirem prégar.

Um dia foi Jesus para um grande largo onde costumavam brincar muitas creanças; e como todas corriam para Elle, veiu uma mulher chamal-as, julgando talvez, que a pequenada incommodava o Senhor.

— Que mulher tão estúpida — observou o Manuel.

— Mas o Senhor poz-se a dizer: «*Deixae vir a mim as creancinhas!*» e a chamal-as, e a acarinhá-las; e a beijal-as.

E todas se agarraram a Elle, sentindo que Elle muito e muito lhes queria, coitadinhas.

— A gente bem sabe quem gosta de nós — observou o Joaquim, sentencioso.

— Pudéra! — exclamou o Manuel.

— A sr.<sup>a</sup> Antonia não gosta de mim — disse a Therezinha muito sentida, — deu-me uma sapatada, hontem na missa, só porque eu me sentei quando estava cansada.

— Mas vamos a saber, quem fala aqui são vocês ou é a Avó? — perguntou, zangado, o José Antonio.

— Vamos lá meninos — atalhou a sr.<sup>a</sup> Maria.

Dizia eu então, que Jesus era todo amigo das creancinhas, assim como as creanças eram doidas por Elle.

Um dia — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — foi Jesus para os lados do mar, quer dizer, para a praia, onde estavam grandes barcos de pesca, e onde os pescadores concertavam as suas rêdes.

Jesus chegou-se a elles, que eram todos pobres e honrados, e começou a conversar.

Falou-lhes das suas ideias santas, disse-lhes que a bondade e a honradez eram os melhores bens d'este mundo, e que a gente devia gostar dos outros ainda mais do que de nós mesmos.

Recommendeu-lhes principalmente uma coisa, que eu tambem lhes recommendo a vocês, meus filhos.

E' que *nunca façam aos outros aquillo que não gostavam que lhes fizessem a si*, percebem?

— A sr.<sup>a</sup> Antonia tambem não havia de gostar se eu lhe batesse — observou a Therezinha.

— Pois experimenta — aconselhou o Joaquim.

— E sabes que mais? — continuou o Manuel, — depois dizes-lhe assim: «sr.<sup>a</sup> Antonia, não faça aos outros o que não queria que lhe fizessem!» e os dois rapazes riam ás gargalhadas.

Mas a sr.<sup>a</sup> Maria é que ficou séria; e disse, muito gravemente — nada de toleimas, garotos. Sigam esse preceito uns com os outros, que é o que é preciso; e vejam lá não se esqueçam d'elle; ouviram?

— Ouvimos, avó, mas... ha de se rir para a gente — respondeu o Joaquim beijando-a.

— Bom — disse a avó, já sorridente. — Esteve Jesus muitas tardes a falar com os seus amigos pescadores e muito bem se achava com elles.

A's vezes ia com elles á pesca; e, emquanto esperavam que os peixes cahissem nas rêdes, iam ouvindo os conselhos do seu querido Jesus, iam a pensar naquellas santas palavras, e os seus corações tornavam-se cada dia melhores, encarando a vida d'um modo diferente.

Um d'elles chamava-se Pedro; esse era d'uma dedicação tão grande pelo Senhor, que resolveu deixar a sua vida de pescador para o acompanhar sempre.

— Quem sabe se era S. Pedro? — perguntou o Manuel.

— Pois adivinhaste, marôto; era S. Pedro — respondeu a sr.<sup>a</sup> Maria. — E com isto acabou-se a noite d'hoje; a Therezinha, coitadinha, vae ao meu collo — e juntando os actos ás palavras, a sr.<sup>a</sup> Maria pegou na neta e levou-a para a cama.

## CAPITULO VI

— O' avó — perguntou o Joaquim na noite seguinte, quando todos se preparavam para ouvir a sr.<sup>a</sup> Maria, — o que quer dizer Natal?

— Natal é a festa que ha todos os invernos, ainda não sabes isso? — respondeu o Manuel, troçando.

— Olha o sabichão d'uma figa — retorquiu o Joaquim muito zangado; — como se isso explicasse o que quer dizer *Natal!*

— Eu sei que o Natal é a festa do Menino Jesus — observou a Therezinha com importancia.

— Pois dizes muito bem, minha joia — disse a sr.<sup>a</sup> Maria. — Olha, Joaquim, *Natal* é como quem diz *nascimento*; e então a festa do Natal, é como se se dissesse: *a festa do nascimento*. E foi no dia de Natal (a 25 de Dezembro) que nasceu Jesus, percebes?

— Agora sim — respondeu o Joaquim — mas escusava o Manuel de estar a fingir que sabia, sem saber nada — acrescentou elle ainda zangado.

— O Manuel agora é que ficou sabendo — disse a avó — e olhem que não vale zangar, rapazes!

— Com uns tagarellas assim — disse o José Antonio — não chega vocemecê a contar nada esta noite, estou a vêr isso.

— Lá vou, lá vou — respondeu a sr.<sup>a</sup> Maria. — Que dizia eu hontem?

— Era S.<sup>o</sup> Pedro um dos taes pescadores — acudiu o Manuel.



— E' verdade — disse a avó — bem me lembro.

Pois como eu vos disse, Pedro resolveu deixar a vida de pescador para seguir Jesus e prégar tambem as doutrinas de bondade que Jesus lhe ensinára.

Assim foram fazendo muitos outros homens a quem Jesus ensinava as suas idéias; de maneira que lhes chamavam a elles os *discipulos* de Jesus; e a Jesus...

— O Mestre, naturalmente! — exclamou o Joaquim.

— Tal qual. Ora, entre os discipulos de Jesus, alguns foram-se espalhando por varias terras, a prégar o Evangelho, a ensinar o Bem; e a esses, que eram 12 certinhos, chamaram-lhes os *Apostolos*.

— Que quer dizer isso, avó? — perguntou o Manuel.

— Quer dizer, me parece: *aquelle que eu mando ao longe*, como que: *mensageiro*, percebes? Até me faz lembrar uma adivinha que me ensinou ha muitos annos o sr. abbade; vamos a ver quem a adivinha primeiro.

— Diga lá, avó, diga! — gritou o Joaquim.

— E' assim:

*Fico sempre atraç de todos, (duas)*

*Eu não sou fura-parêdes, (duas)*

*P'ra seguir Divino Mestre*

*Larguei barcos, deixei rêdes!*

— Já sei, já sei! — disse o Manuel, excitadissimo — é S. Pedro!

— E' e não é — respondeu enigmatica, a sr.<sup>a</sup> Maria; — mas não é assim que se adivinha esta especie de adivinhas. Olhem lá, *fico sempre atraç de todos*; não ha outra palavra com que se diga *atraç*?

— Eu cá não sei — disse o Manuel desconsolado.

— Ha, sim senhor — acudiu o Joaquim, — é *depois*.

— Mas 'inda ha outra. E, para não ficarmos a adivinhar até amanhã, eu explico: *fico sempre atraç de todos, é após*. *Eu não sou fura paredes, tôlo; e para seguir o Divino Mestre, larguei barcos, deixei rêdes, apostolo, perceberam?*

— Eu nem que estivesse semanas, adivinhava isso! disse o José Antonio entre duas fumaças.

— Aconteceu — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — que, entre as pessoas que mais mal queriam a Jesus, havia principalmente aquelles a quem chamavam os Phariseus.

Ora Jesus tinha já ido prégar para Jerusalem; e era lá que havia mais phariseus.

Estes homens faziam-se muito respeitosos da religião, faziam muito espalhafato com beatices, chamavam herejes a quem não se sujeitava áquelles exageros; mas era gente falsa e má: e tudo aquillo não era pelo sentimento do Bem que o faziam, tudo aquillo era um grande fingimento.

E quando souberam que Jesus se dizia o Messias, e que todo o bom povo o reconhecia como tal; e quando ouviram Christo prégar que a verdadeira religião era ser bom e praticar o Bem, ficaram a odiar Jesus, e resolveram que haviam de levantar o povo todo contra Elle.

— E elles eram muitos, avó? — perguntou o Joaquim.

— Ai, meu filho, estava Jerusalem cheio d'elles, os malvados! E d'ahi, começaram a metter na cabeça do povo que Jesus era um hereje.

— Que grandes parvos! — disse o José Antonio.

— Que Jesus não praticava os espalhafatos lá no Templo; que Jesus queria ser o rei dos judeus mas não tinha direito a isso; que Jesus era, mas era um grande impostor.

— E o povo acreditou, avó? — perguntou o Manuel.

— Uns acreditavam e iam insultar o Senhor; mas outros, muitos outros, e sobretudo aquelles que viam o bem que Elle fazia, e o bem que Elle ensinava, esses percebiam que a maldade era toda d'aquelles falsos dos phariseus.

— O' avó, tambem haviam pharisôas? — perguntou a Therezinha com interesse.

— Essa agora! — respondeu a avó a rir a bom rir. — Havia decerto muitas mulheres de phariseus, se calhar tão falsas como elles.

— Talvez que a sr.<sup>a</sup> Antonia seja pharisôa — disse a Therezinha muito séria; — eu já a vi estar que tempos a beijar o chão e ao mesmo tempo a espreitar para todos os lados. E noutro dia vi-a apanhar um 5 reisinho que cahiu do sacco das esmolos e guarda-lo no peito. Eu bem vi!

— Olha que as meninas na egreja devem só olhar para Jesus ou Nossa Senhora! — observou a sr.<sup>a</sup> Maria, disfarçando a vontade de rir.

— Pois sim, mas eu vi — respondeu a Therezinha com força inabalavel.

— A velha é pharisôa, pharisôa, pharisôa! — cantou o Joaquim a rir como um doido.

— Pharisôa! — echoou o Manuel, batendo as palmas.

— Mas isto o que é, rapaziada? ralhou o José Antonio, pondo-se de pé.

Os rapazes logo se calaram, receiando algum soapo, mas a sr.<sup>a</sup> Maria fez voltar os sorrisos a todos os rostos, exclamando: — Toca para Valle de Lençoes, sabem onde fica essa terra? — E o proprio José Antonio, virando-se, para longe dos filhos, ria á socapa.

## CAPITULO VII

— Ora é certo — começou na noite seguinte a sr. Maria — que os taes phariseus nem sequer sabiam respeitar o Templo. E como eu disse, fingiam-se muito religiosos, muito sabedores das leis de Deus; mas no fundo, quero dizer lá no seu intimo, viviam cheios de maldade, não pensavam senão em se enriquecer á custa do povo, e o que queriam era dar cabo de Jesus.

— E elle não tinha mêdo, avó? — perguntou a Thezinhã.

— Não minha petiza. Elle continuava sempre a prégar o Bem, a tratar dos doentes. A's vezes, vinham pedir-lhe que fosse vêr um desgraçado, cheio de molestias medonhas; e muitas vezes os doentes; na fé em que as mãos de Christo os iam salvar, curavam-se de todo!

— Isso é que era! — disse o Joaquim com admiração.

— Uma vez era um ceguinho, que muito queria que Jesus fôsse vê-lo. E quando Jesus chegou, o pobre cego teve tanto desgosto de não poder vêr Jesus, com tanta fé e desejo pediu a Jesus que poisasse as suas mãos nos olhos d'elle, que de repente...

— Ficou a vêr! — gritou excitado, o Joaquim.

— Pois foi — confirmou a avó. — Muitas vezes, ia Jesus para o Templo. Ali estava que tempos, a rezar, a pensar nas coisas santas que tinha que fazer n'este mundo; e a pensar tambem na muita maldade que havia a combater.

Um dia que Jesus ia para o Templo, que ha-de Elle vêr? Primeiro pareceu-lhe ouvir uma vozeria, um barulho, uns gritos d'homens, uma balburdia... «No Santo Templo de Deus!» pensou Elle com tristeza; e apressou o passo para lá chegar depressa.

Quando entrou, parou admirado:

Na parte principal do Templo, estavam sentados vendilhões de tudo quanto ha! E gritavam, apregoavam, gabavam as suas mercadorias! E os phariseus por ali, todos contentes...

— Alarves — resmungou o José Antonio.

— Que até parece impossivel — disse a Francisca.

— E que fez Elle, avó? — perguntou o Joaquim.

— O que Elle fez Joaquim! Olha, Deus me perdôe se érro, mas creio que até o Senhor Jesus sentiu uma grande zanga n'aquelle dia! Exclamando, com palavras fortes que eu nem sei, com os braços estendidos e o olhar zangado, Jesus poz os vendilhões fóra do Templo!

— Isso é que foi! isso é que foi! — disse o Manuel batendo as palmas e rindo.

— Depois, vendo que alguns d'elles pareciam recalcitrar, Christo pegou n'uma vara que ali estava cahida e foi dando com ella n'elles, até o Templo se achar vasio!

— Ah! valente — exclamou o Joaquim com admiração sincera.

— Mas depois d'isto, o odio dos Phariseus tinha, se era possivel, augmentado ainda. O chefe d'elles todos era o grão-sacerdote do Templo; um que se chamava Cai-phaz...

— Vocemecê sempre tem cada nome na cabeça, tia Maria — observou o José Antonio.

— Então que queres tu, Zé? O que entra um dia aqui — e a sr.<sup>a</sup> Maria batia na testa a rir, — nunca mais de cá sae!

— Era bem bom que o Manuel assim fôsse — disse o Joaquim; — anda ha que mezes com a regra do A, e ainda a não tem na cachimonia!

— E você tem alguma coisa com isso? Estava-se a tratar das lettras? Talvez que mesmo o Menino Jesus não soubesse ler bem, prompto! — gritou o Manuel d'um fôlego.

— Pois isso é que eu não sei! — disse a sr.<sup>a</sup> Maria; — nos tempos antigos verdade é que pouca gente aprendia a lêr, mas se Nosso Senhor o sabia ou não, é que nunca ninguém me disse.

Mas vamos ao que importa; — continuou ella com viveza — dizia eu então, que o chefe dos phariseus era o tal Caïphaz. E tanta bulha fizeram contra Jesus, tanta intriga lhe moveram, tanta falsidade disseram, que de combinação com o Caïphaz resolveram manda-lo prender...

— Prender! — exclamou o Joaquim, indignado.

— O' avó, puzeram-n'o n'um quarto escuro? — perguntou a Therezinha.

— Lá chegaremos, meninos — respondeu a avó; — oiçam e verão o que succedeu.

Mas como Jesus andava sempre no meio dos seus discipulos todos e os discipulos eram muitos, os phariseus tinham muito mêdo de se enganar, de não conhecer bem Jesus e de mandar prender outro que não fosse o Senhor. Porque a verdade é que todos elles andavam vestidos da mesma maneira, e...

— Como era o fato d'elles, avó? — perguntou o Manuel.

— Eram umas vestes largas, assim a modo como uns casacos compridos com muita roda, ás vezes presos na cintura...

— Então não tinham calças, avó? — disse o Joaquim.

— Nada meu filho, não havia lá d'isso. E os cabellos usavam-nos compridos, cahidos sobre os hombros, as barbas compridas...

— Eram exquisitos, avó, não eram? — perguntou a Therezinha franzindo o nariz.

— Não meu amôr, visto que eram assim os costumes d'aquelle tempo. E Jesus diz-se mesmo que era lindo!

Os cabellos castanhos, compridos e anelados; os olhos muito tristes e bons, a barba castanha tambem e a têz pallida...

— Devia ter mesmo cara de santo — disse o Joaquim, pensativo.

— Pois tinha, 'sim senhor; mas 'inda assim, os outros tinham medo de o não conhecer bem quando estivesse no meio dos discipulos todos.

Ora havia entre os discipulos de Jesus, um chamado Judas Iscariote.

— Lá vem outro nomesinho arrevezado — disse o Joaquim.

— Qual, no Judas já com certeza todos ouviram falar! Mas hoje é que eu vos não falo n'elle; até a candeia se está a apagar.

Bôa noite, pequenada — e a sr.<sup>a</sup> Maria depois de varios beijos e abraços, encaminhou todos para os quartos e foi deitar-se tambem.

## CAPITULO VIII

Na noite seguinte lá estavam todos anciosos pela narrativa da sr.<sup>a</sup> Maria; e a bôa velha andava tão contente com o interesse que despertava no seu auditorio, que nunca mais tinha dormitado depois da ceia.

Quando o José Antonio voltava de fóra e se sentava a fumar o seu eterno cachimbo, a avó começava a falar: era o signal.

— Que dizia eu hontem? — começou ella como quem se esquecera e voltando-se para os netos.

— O' avó, era o Judas que apparecia — respondeu depressa o Joaquim.

— E' verdade é. Havia pois um discipulo de Jesus chamado Judas; e dir-lhes-hei já que era mau como as cobras. Ora os phariseus sabiam muito bem que o Judas era mau e falso...

— Por isso — disse o Joaquim muito interessado, — é que eu tenho ouvido dizer «é falso como Judas»!

— E eu ouvi um dia o «Ti'Zé das couves gritar para o cão d'elle: «Ah Judas, que se te apanho...» exclamou o Manuel.

— Como é o nome, avó? — perguntou a Therezinha — Ju... das... — explicou o Manuel gritando ao ouvido da irmã.

— Bem, bem, — disse a sr.<sup>a</sup> Maria; — nada de macaquices.

O certo é que os phariseus, sabendo que o Judas era capaz d'uma falsidade, foram ter com elle, ás escondidas de Jesus, já se vê, e disseram-lhe o seguinte:



«Olha lá, Judas, nós queremos prender Jesus, aquelle a quem vocês chamam o Mestre. Mas para que os soldados o conheçam bem, precisavamos d'algum que dêsse um signal, que mostrasse bem qual de vocês é Jesus, percebes? E pagavamos umas trinta moedas de prata a quem nos dêsse esse signal».

Ora o Judas, quando ouviu falar em 30 moedas de prata, luziram-lhe os olhos! Aquillo foi logo! E respondeu aos phariseus: «pois serei eu quem vos darei esse signal; quando estivermos reunidos depois da Paschoa, eu irei beijar aquelle que vós quereis prender».

— Eu tambem já ouvi fallar no «beijo de Judas», — disse o Joaquim.

— Foi o beijo da traição — continuou a avó — o beijo mais falso que se deu no mundo!

O que ainda vos não disse é que se estava aproximando a época da Paschoa, que era a occasião em que os judeus costumavam reunir-se n'uma ceia, depois de fazerem penitencia muito tempo e pensarem nos seus peccados.

— A Paschoa é o tempo das amendoas! — declarou o Manuel com enthusiasmo.

— Guloso! — disse o Joaquim, desdenhoso.

— A Paschoa que os judeus celebravam — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — era para se recordarem dos 40 annos que tinham passado no deserto, fugidos do Egypto, onde os tratavam mal e com a esperanza de chegar um dia á Terra Promettida.

Mas isto hei-de eu contar n'outra historia. Basta dizer que, em recordação dos 40 annos do deserto, os judeus levavam 40 dias a jejuar e a fazer penitencia; até que havia a ceia da Paschoa, em que se reuniam todos.

Jesus disse então aos seus discipulos que preparassem a ceia; e resolveu-se que se reuniam Elle e os 12 apóstolos.

Chegou esse dia e todos estavam sentados em volta d'uma grande mesa; ao lado de Jesus estava o seu querido amigo S. João.

— Qual dos Joões, avó? — perguntou o Joaquim.

— O Evangelista, meu amor; o S. João Baptista estava n'esta occasião preso por Herodes Antipas, porque tinha ido bramar contra a vida que levava esse mau rei!

Era pois, S. João Evangelista que estava ao lado de Jesus. Também lá estava o Judas, já se vê; mas com uma cara muito negra e feia, um olhar falso e máu.

E qual não é o espanto dos bons apóstolos, quando Jesus lhes diz: *«na verdade vos digo; que no meio de vós está aquelle que me ha-de entregar»*

Elles olharam-se afflictos; e perguntaram: «mas qual de nós, Senhor, é o que te vae trahir?» E Elle respondeu: «aquelle que tem a mão no prato, irá entregar-me». E olhando uns para os outros, viram que um d'elles tinha a mão agarrada ao prato....

— Era o Judas! — gritou o Joaquim.

— Era o Judas — disse a avó gravemente.

E todos muito serios, como se sentissem pesar sobre si a traição do Judas, deram-se as boas noites e foram deitar-se.

## CAPITULO IX

O Joaquim era o mais impaciente pela narrativa da avó; e, mal acabava a ceia, corria a sentar-se, no chão, deante da chaminé, á espera dos outros. A's vezes o José Antonio ria-se ao vê-lo, e como ainda tinha de ir pagar a féria aos homens antes de poder sentar-se a fumar, dizia-lhe:

— Eh rapaz, nem por muito madrugar amanhece mais cedo. —

Comtudo, o proprio José Antonio despachava-se depressa, pois a todos interessava a historia de Jesus.

— Como eu ia dizendo hontem — começou a sr.<sup>a</sup> Maria, — era Judas aquelle que Jesus mostrara como devendo entrega-lo aos phariseus.

— E o Judas não ficou envergonhado quando Jesus disse isso, avó? — perguntou a Therezinha.

— Aquillo tinha lá vergonha, menina! Jesus pegou então no pão, partiu-o e deu-o aos seus discipulos, dizendo com tristeza: *comei, isto é o meu corpo!* e deulhes o vinho a bebêr, dizendo: *bebei, isto é o meu sangue!*...

— O que queria isso dizer, avó? — perguntou o Joaquim.

— Olha rapaz, eu cá o que penso é que Jesus queria mostrar-lhes que, sabendo a Sua morte tão proxima, era a ultima vez que cejavam juntos; d'ahi a pouco o côrpo e o sangue de Nosso Senhor estariam na sepultura! Mas que, se elles comessem o pão e bebessem

o vinho, como se tomassem o proprio Jesus, assim estaria Elle sempre nos corações d'elles, percebes ?

— O' avó, não percebo nada — disse o Manuel.

— Meu filho, d'aqui a uns annos perceberás melhor — respondeu a avó.

— D'ahi é que vem — continuou ella — o sacramento da communhão.

— Eu tenho visto a mãe e a avó irem commungar — disse o Joaquim — mas nunca soube o que isso era !

— Pois eu explico — respondeu a avó.

— Em lembrança da santa Ceia, percebes tu, e, já se vê, sempre por occasião da Paschoa, a gente faz por se corrigir dos seus êrros, e vae então tomar a sagrada Hostia, com a ideia que toma Nosso Senhor Jesus Christo, e que Elle fica no nosso coração. . .

— Mas na Santa Ceia não havia hostias, avó, era pão — disse o Joaquim.

— Sim, mas como o que se quer é a ideia, a intenção, tanto faz sêr pão, como hostia ; a questão é têr sido abençoada e consagrada pelo padre. Mas emfim, isto ainda vocês não podem percebêr bem, rapazes ; a questão é comprehendêr que para se ir commungar é preciso ir-se com o coração muito bom e só com pensamentos de caridade e bondade, percebem ?

— Nem tudo, avó — disse o Joaquim, desconsoladissimo.

— Uma noite depois da Ceia — continuou a sr.<sup>a</sup> Maria — seguiram todos para um monte chamado o Monte Olivête ; ia Christo no meio dos Apostolos e seguido de muitos mais discipulos. Ali se sentaram todos e Christo começou a ensinar, como fazia todos os dias.

— Que ensinava Elle, Avó ? — perguntou o Joaquim.

— Ensinava as maximas da doutrina christã, que assim se chamou á doutrina de Christo.

Dizia Elle ás vezes : *Porque vês tu a aresta no olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho ? Tira primeiro a trave do teu olho e então verás como has-de tirar a aresta do olho do teu irmão.* Isto, é como quem diz que a gente costuma vêr muito bem os defeitos pequeninos dos outros e nunca vê os nossos, embora estes sejam muito maiores, percebem ?

— Eu cá percebo muito bem — disse o Manuel — e

lembro-me que ha quem faça troça de eu estar com a regra do A, embora se tenha más notas nas contas!

— Ora essa — replicou o Joaquim, — e as contas que você faz são certas?

— Outra coisa que Jesus ensinava era a paciencia, Joaquim! — e a sr.<sup>a</sup> Maria fazia córar o impetuoso pequeno.

— Estavam os discipulos rodeiando Jesus, quando surgiu o Judas, acompanhado de muitos soldados, muitos phariseus, muitos homens do povo, tudo com paus e archotes. E Jesus disse para Judas: «Amigo, a que vieste?» E o falso deu-lhe um beijo, e disse: «Deus te salve, Mestre.»

— Oh que grande malandro — observou o José Antonio!

— E nisto se chegaram os soldados a Jesus e com muitos insultos o levaram prêso.

— Não diga mais, avó, não diga mais! — disse a Thezinhinha a chorar no collo da Mãe.

— E Elle sempre tão bomsinho! — murmurou o Joaquim, pensativo.

— Bom, por hoje já basta — disse a sr.<sup>a</sup> Maria. — E todos se foram deitar, pensativos e graves.

## CAPITULO X

Na noite seguinte, um Domingo, todos se reuniram mais cêdo; como o José Antonio não tinha de pagar a fêria, logo a seguir á ceia começou o serão, e estavam todos muito attentos quando a sr.<sup>a</sup> Maria disse :

— Com muita brutalidade prenderam Jesus, enquanto Elle dizia, sem zanga nem impaciencia : « *Vós viestes armados de espadas e varapaos como se eu fóra um ladrão; e todos os dias assentado entre vós estava eu no Templo ensinando e não me prendestes!* »

— E os Discipulos que faziam, avó? — perguntou o Joaquim.

— Ai, meu filho, é triste dizer o que elles fizeram — respondeu a avó com um suspiro.

— Pernas p'ra que vos quero — resmungou o José Antonio.

— Só S. Pedro o ia seguindo de longe, muito de longe.

E esqueci-me de vos contar que dizendo Jesus nesse dia a Pedro : « *Dentro em pouco todos me vão renegar* ». S. Pedro exclamou indignado : « *Senhor eu nunca te renegarei!* »

Mas Jesus, que bem conhecia a fraqueza dos homens, respondeu-lhe :

« *Olha Pedro, antes que o gallo cante, 3 vezes tu me renegarás!* »

Foi então Jesus no meio daquella tropa de gente má, e levaram-no a casa de Caiphaz, que, como eu vos disse já, era o Príncipe dos Sacerdotes. Este tal Caiphaz era quem fazia de juiz entre os judeus; a não ser que se tratasse de dar castigo de morte : nesse caso tinham para juiz o go-vernador Poncio Pilatos.

— Esse vem no Crédo, avó — disse o Joaquim.

— Pois 'tá visto, Joaquim.

Caïphaz tratou logo de fazer perguntas a Jesus; e mandou entrar varias testemunhas falsas, para dizerem o que tinham ouvido a Jesus. E estas, em vez de falarem nos ensinamentos de Christo, na bondade com que Elle os instrua e na sabedoria com que Elle lhes explicava os mandamentos e tudo mais, começaram a inventar disparates e a dizer as maiores mentiras.

— E Jesus ficou calado, avó? — perguntou o Joaquim incrédulo.

— Sim, meu filho; ás mentiras, aos disparates, ás perguntas tôlas, não respondeu Jesus uma só palavra! Então os soldados bateram-lhe, cuspiram-lhe na cara...

— O' avó! — gritou o Joaquim indignado.

— Cuspiram-lhe, feriram-no a punhadas, deram-lhe bofetadas no rosto...

— Não diga mais, avó, não diga mais — chorava a Therezinha.

— Bem, bem, vamos adiante — disse a avó —

E tudo fôí Jesus soffrendo sem se defender!

Emquanto Elle estava na casa de Caïphaz estava S. Pedro no pateo da entrada, a ver o que resultava d'aquillo tudo. E uma creada que ali o viu, disse assim para os outros creados: «Olhem que este tambem estava com Jesus Nazareno».

— O que é Nazareno? — perguntou o Manuel.

— Que é de Nazareth, menino. E S. Pedro respondeu: «Não sei o que dizes». Nisto, viu o outra creada, que disse a mesma coisa, e elle: «o quê? Juro que o não conheço!»

Mas outros homens vieram ali e affirmavam que elle era discipulo de Jesus Christo. Então elle, todo zangado, tornou a jurar que nunca vira o Senhor; e mal acabava de dizer isto, ouviu um gallo cantar...

Sahiu d'ali e foi sentar-se n'uma pedra a chorar a bom chorar.

— Foi bem feito elle chorar — disse o Joaquim; — nunca imaginei que um santo fizésse uma coisa tão feia!

— Arrependeu-se, meu filho, e bem do coração; quando ouviu cantar o gallo é que cahiu em si e se lembrou das palavras do Senhor: «Antes que o gallo cante, tres vezes me renegarás!»

## CAPITULO XI

— Emquanto esteve preso — começou a sr.<sup>a</sup> Maria na noite seguinte — soffreu Jesus as maiores humilhações.

— Não sei como Elle podia conter-se, avó — disse o Joaquim.

— Pois é para que aprendas a conter-te tambem, meu filhinho ; que exemplo mais lindo tem a gente, do que o exemplo de Nosso Senhor Jesus Christo ?

— Eu o que me admira — observou o Manuel — é que Elle não pudesse fugir, fugir, fugir para muito longe !

— Mas é que Elle é que não queria, não é verdade, avó ? — disse o Joaquim.

— Pois é, meus meninos ; Jesus Christo quiz que o seu grande soffrimento e a sua morte dolorosa, fossem um exemplo para todos. E deixou-se torturar e matar, prégando sempre, mesmo aos seus inimigos, o amor do proximo...

— O que é isso, avó ? — perguntou o Manuel.

— O amor do proximo, Manuel, é como quem diz o amor pelos outros. A gente deve ser ainda mais amigo dos outros do que de nós mesmos, percebes ?

— Ah isto percebo — respondeu o rapaz.

— E se a gente pensar primeiro nos outros e só depois em si, — continuou a avó — tem-se muito mais felicidade e dá-se a felicidade aos outros, percebes ?

Mas vamos ao resto.



Dizia eu então, que Christo soffreu as maiores humilhações e ouviu os maiores insultos. Mas a sua attitude era sempre serena e digna; nunca uma zanga, nunca uma palavra menos boa.

Caïphaz e os outros phariseus, o que queriam era que Elle tivesse castigo de morte; de maneira que andavam a ver se arranjavam uma prova contra Jesus, para poder mandal-o a Poncio Pilatos.

Perguntou-lhe então Caïphaz: «Tu és o rei dos Juceus?» E Jesus, respondeu simplesmente: «*Tu o dissesse*». Ora não foi preciso mais nada; vira-se o Caïphaz para os phariseus e disse lhes: «Ouvistes a blasphemia? Não precisamos d'outra prova; merece a morte». E bramando todos como uns posséssos, levaram Christo a Poncio Pilatos, que era, como eu disse já, o governador da Judéa naquelle tempo.

— E o rei quem era? — perguntou o Joaquim.

— Era o filho d'aquelle muito mau, que mandou degolar os innocentinhos da idade de Jesus; lembra-te como elle se chamava?

— Herodes! — gritaram os dois rapazes ao mesmo tempo.

— Bem — disse a sr.<sup>a</sup> Maria sorrindo — já vejo que não sou só eu que tenho estes nomes na cabeça!

Pois o filho d'Herodes chamava-se Herodes Antipas, e era um mau homem.

— Foi esse que prendeu um dos S. Joões? — perguntou a Therezinha.

— Foi meu amor; ora como ella se lembra!

E depois de ter muito tempo preso o bom S. João Baptista, até lhe mandou cortar a cabeça, o tal Herodes Antipas!

Mas voltemos a Jesus. Decidiu então Caïphaz, de accordo com aquelles phariseus todos, levar Jesus a Poncio Pilatos. Chegado ao pretorio, que assim se chamava o tribunal, começou Pilatos a perguntar coisas a Jesus; mas pelas suas respostas dignas e simples, viu que se tratava d'um justo, d'um bom e nunca d'um criminoso.

E Pilatos dizia para os phariseus: «que querem vocês que eu faça? Este homem não tem culpas na consciencia! Não vejo razão nenhuma para o condemnar; vou mandal-o em paz».

— Isso é que é homem! — gritou o Joaquim.

— Mas isso é que não fazia conta aos outros, que tinham jurado perder Jesus. E gritavam que Elle era um impostor, que Elle até queria tirar o lugar do rei Herodes, e que, se Pilatos o não condemnasse, seria o proprio Pilatos accusado de conspirar contra o rei.

— Oh meu Deus, que o Pilatos vae fazer o que elles querem! — disse o Manuel.

— Pois assim foi, meninos! Pilatos ainda tentou salvar Jesus; e como na Paschoa era costume perdoar um condemnado, elle disse-lhes: «Perdoai a Jesus». Mas os maus gritaram: «Não, não! que Jesus seja crucificado! e perdoa-se ao ladrão Barrabás!»

— Lá vem outro nome bem custoso — disse o José Antonio.

— E assim foi: perdoou-se ao ladrão Barrabás e Jesus Christo foi condemnado a ser pregado numa cruz! Mas... vamo-nos deitar, filhos, que são horas.

E não estejam tristonhos com tudo isto: hão de ver que todo o soffrimento de Jesus fez que muita gente má se fizesse boa, e muita gente boa se fizesse melhor ainda! Venham de lá esses abraços, meninos! —

E assim acabou aquelle serão.

## CAPITULO XII

— O' avósinha — perguntou o Joaquim no dia seguinte — como era aquillo que Jesus ensinava, a respeito de não fazer o que a gente não gosta, aos outros?

— E' assim, meu filho: «*Não faças aos outros aquillo que não gostavas que te fizessem a ti*».

— E' muito bem pensado, avó — disse o rapaz com um ar meditabundo e grave.

— E olha, Joaquim, quem pensa nisso atravez da sua vida toda, e segue esse preceito á risca, nunca é pessoa má, podes crér!

— Nunca me hei de esquecer, avó — declarou o rapaz com toda a seriedade.

— Pois ainda bem — disse a sr.<sup>a</sup> Maria satisfeita.

— Será uma boa influencia que Jesus tem em ti, meu pequeno!

— Eu cá o que gosto, — observou o Manuel com ar importante — é d'aquella do olho e da trave.

— Pois sim — respondeu a avó — mas olha que não basta vêr *a trave no seu olho*, quer dizer, os defeitos que a gente tem; o que é preciso é tratar de os corrigir! E vae em bom caminho quem seguir o preceito de que o Joaquim tanto gosta. Olhem que o pae lá vem para o seu lugar; caluda rapazes!

— Agora vejam se mettem a viôla no sacco, meninos — disse a Francisca sorrindo.

— Jesus foi, pois, condemnado a morrer pregado numa cruz — começou a sr.<sup>a</sup> Maria.

— Amarravam-no á cruz, avó? — perguntou a Thezinhinha.

— Mau, mau — disse o José Antonio olhando para a filha e franzindo o sobr'olho.

— Eu depois explico tudo, minha joia — respondeu a avó á pequena. — Não só o condemnaram a ser crucificado, como a levar a cruz ás costas, até a um sitio chamado Calvario, que era onde se castigavam os grandes criminosos! E naquelle dia haviam de se crucificar tambem dois grandes ladrões, um de cada lado de Jesus...

— Mas que castigo tão medonho, avó! — suspirou o Joaquim, impressionado.

— Sahindo do pretorio no meio d'aquella turba furiosa, o Senhor ia quasi arrastado! A certa altura tiraram-lhe o fato, rasgando-o em bocados!

— E elle ficou despido, avó? — perguntou o Manuel.

— Vestiram-lhe um fato todo encarnado.

— Porquê, avó? — perguntou o Manuel.

— Porque neste tempo havia uma fazenda encarnada chamada a *púrpura* que era só vestida pelos reis; e elles vestiam Christo de vermelho, troçando-o de Elle se dizer rei dos judeus, percebes?

Depois um dos soldados foi buscar um ramo de silvas seccas e fez d'ahi uma corôa toda espinhosa, que poz na cabeça de Jesus!

— O' avó, devia picar tanto! — gemeu o Joaquim.

— Depois metteram-lhe uma canna vêrde nas mãos...

— Isso o que queria dizer, avó?

— Era a troça ainda, meu filho: como se a canna fôsse o sceptro dos reis; o sceptro era como um bastão pequeno que os reis tinham.

E depois de verem o Senhor vestido de vermelho, de coroa na cabeça e de canna na mão, puzeram-se a es-carnecel-o, a esbofeteal-o, a empurral-o.

— O' avó! ó avó! — suspirou o Joaquim com os olhos cheios de lagrimas.

— E' triste, meu filho, bem sei... E Jesus ia soffrendo, sempre com tanta paciencia, sem queixas nem lamentos! Depois, tornaram a despil-o e puzeram-lhe uma tunica rôxa...

— Eu já vi! Eu já vi! — gritou o Manuel muito excitado.

— Já viste o quê, filho? — perguntou a avó.

— Vi na igreja, no altar do lado, o Senhor dos Passos assim, de joelhos, vestido de rôxo, e com uma grande cruz ao hombro!

— Eu tambem vi! — gritou a Therezinha.

— Pois viram muito bem, meus amores — disse a avó sorrindo — Carregado com a cruz, tão pesada e tão grande, metteu-se Jesus a caminho do Calvario.

— E não cahia debaixo do peso? — perguntou o Joaquim.

— Cahia, Joaquim! E é por isso que a imagem o mostra de joelhos! Com o peso da cruz, Jesus cahiu mais d'uma vez...

Bem, o resto fica para amanhã, meus pequenos. Parece que já estou um pouco cansada.

— Esta é a historia mais linda que eu tenho ouvido em dias de vida! — declarou o Joaquim, dando as boas noites.

### CAPITULO XIII

O auditorio da sr.<sup>a</sup> Maria estava cada vez mais cheio d'interesse. Parecia que agora, chegada a parte mais dolorosa da vida de Jesus, um verdadeiro aneio de saber se apoderára de todos; e até a ceia era um pouco apressada, para mais cêdo se começar a ouvir a avó.

A sr.<sup>a</sup> Maria andava contentissima; não só porque sentia o prazer com que a ouviam, mas também pela boa influencia moral, que a sua narrativa provocava nos rapazes, e que dia a dia mais se accentuava.

— Até agora — começou o Joaquim na noite seguinte — nunca eu tinha pensado varias coisas em que agora penso, avó. E ouvia dizer Jesus Christo para aqui, Nosso Senhor para acolá, sem saber nada, nada, de quem se tratava! Agora sim! E é tão bonita a Historia d'Elle!

— Sim, Joaquim, — disse a boa avó — mas olha que o que é lindo na Historia de Jesus, é o bem que ella faz ao coração! A gente quando pensa na grandeza de Christo, parece que já ha de ser melhor do que era, não te parece?

— Parece, sim, avó — respondeu o rapaz com enthusiasmo — e eu nunca me hei de esquecer, que foi voçemecê que me explicou tudo tão bem! — e o Joaquim agarrou a cabeça da avó e beijou-a repetidas vezes.

Nessa altura chegou o José Antonio, e a sr.<sup>a</sup> Maria continuou a historia de Jesus Christo.

— Depois de cahir tres vezes sob o peso da cruz, o Senhor mal podia já!

— Coitadinho! — murmurou a Francisca.

— Então os judeus maus forçaram um homem chamado Simão a levar a cruz. Chegado ao Calvario que era um monte bastante alto, fizeram um buraco no chão, e nelle enterraram a cruz...

— Ai avó, não diga mais! — disse o Manuel quasi a chorar.

— Diga depressa, avó, ande diga — pediu o Joaquim.

— Pois então não havia de acabar a historia? Quando a cruz estava fixa, despiram o Senhor e pregaram-lhe as mãos e os pés naquella cruz!

— Avó! Avó! — chorou o Joaquim a bom chorar.

— Sim, meu amor, pregaram-lhe as mãos e os pés! Nosso Senhor não expirou logo; depois d'um bocado de soffrimento horrivel, Jesus disse: «*Tenho sede!*» e aquellas féras, que outro nome não teem, embeberam uma esponja em vinagre e presa a um pau ergueram-na até á bocca de Christo!

— Que maus! Que maus! — chorava a Therezinha encostada á mãe.

— Até parece impossivel — disse a Francisca.

— Depois ainda um soldado espetou Jesus a um lado, com a ponta da sua lança!

A' roda da cruz estava Maria, a triste Mãe dolorosa;

— Olhe vocemecê que ela não soffria menos que Elle — observou a Francisca apertando a Therezinha contra o peito.

— E S. João Evangelista, o fiel companheiro de Jesus, é que amparava Nossa Senhora, coitadinha, que assistia de pé, olhos fitos no seu filho adorado, á morte d'aquelle Martyr!

Antes de fallecer, ainda Christo, olhando para sua santa Mãe e vendo-a amparada por S. João, exclamou: «*Mulher, eis ahí o teu filho!*» e olhando para S. João, disse: «*Eis ahí tua Mãe!*» Isto era como quem recomendava a S. João que olhasse por Maria; e a Nossa Senhora que amasse João como filho.

— Então, estando a soffrer d'essa maneira, ainda Jesus pensava nos outros, avó! — observou o Joaquim gravemente.

— Lembras-te do que eu te disse do amôr do proximo? Pois Nosso Senhor nunca pensou senão no pro-

ximo, quer dizer, nos outros, Joaquim. E ás 3 horas da tarde d'aquella sexta-feira, Jesus Christo falleceu. —

Aqui a senhora Maria parou; e ninguem interrompeu aquelle silencio.

A morte de Jesus, deixará no espirito e no coração d'aquella gente simples e bôa, uma impressão tão profunda, que não achavam palavras que viessem a proposito naquelle momento.

Emfim a sr.<sup>a</sup> Maria disse — Vamo-nos deitar, meus filhos, e façamos por dormir bem. —

E beijando-se todos, lá foram para os seus quartos.



## CAPITULO XIV

No dia seguinte de manhã, o Joaquim veio ter com a avó e disse — que pena a avó ter acabado! Logo á noite que vamos fazer? —

Mas a avó piscou os olhos com malicia e observou — Não nos havenos de massar, Joaquim. —

E quando acabaram de ceiar, a avó disse muito sorridente — Então não se lembram que amanhã é a vespera d'uma grande, grande festa? E que temos de preparar tudo para essa festa? —

Mas não pode dizer mais nada, os tres pequenos gritaram — E' o Natal! E' o Natal! — e saltando pela casa batiam as palmas, riam e abraçavam a avó.

Os paes e a avó deixaram-nos entregues ao seu entusiasmo. Só quando os viu mais calmos é que a sr.<sup>a</sup> Maria disse — Bem, já vejo que é com gosto que vão todos festejar o nascimento do Menino Jesus; que dizem vocês á ideia de arranjarmos um presepe na abegoaria? Lá temos a vaquinha, lá temos as palhinhas para deitar o Menino.

— Mas onde arranjamos o Jesusinho, avô? — perguntou o Joaquim, perplexo.

— Olha, sabes o que se póde fazer? — respondeu a avó — Pedes á tua tia Rosalina, que tem um menino de 2 mezes, se o traz cá nessa noite quando elle estiver a dormir! Deita-se com cuidado nas palhinhas, e enfeita-se a abegoaria toda com flôres e candeias! Vocês fa-

zem de conta que são os pastores e pastoras que veem adorar o Menino! É talvez que entre as palhinhas do berço se encontrem algumas prendas para os pastores! — accrescentou a sr.<sup>a</sup> Maria a rir.

Os pequenos estavam alegrísimos; começaram logo a enfeitar a abegoaria, e a encher a mangedoura de flores, com grande espanto da vaquinha, que se encarregou de mastigar algumas verduras.

As candeias todas da casa foram dependuradas aqui e acolá; e ainda se pediram algumas emprestadas, para dar mais brilho á festa.

O José Antonio e a Francisca quizeram então convidar todas as pessoas amigas da aldeia; e a alegria que reinou toda a noite de Natal foi enorme.

O menino da tia Rosalina dormiu como um santinho! e nunca se incommodou com os gritos d'alegria da pequenada. E esses gritos tornaram-se estridentes, quando as creanças descobriram, entre as palhas da mangedoura, longe do alcance da vacca, varios embrulhos com os nomes de todas ellas!

Para o Joaquim era uma linda *Historia de Jesus* que a sr.<sup>a</sup> Maria encommendara ao sr. Abbade; para o Manuel um casal de coelhinhos mettidos num cesto; para a Therezinha uma boneca pequenina de celluloides; e para as outras creanças amigas, uma infinidade de coisas engraçadas.

— Estou tão contente com o meu livro! — gritava o Joaquim a saltar pela casa.

— E os meus coelhinhos? — dizia o Manuel beijando ternamente os animaes.

— A minha boneca é que é o melhor de tudo! — declarou a Therezinha — porque até faz lembrar um Menino Jesus muito pequerruchinho!

Todos se riram com a apreciação da Therezinha, e a festa do Natal acabou, como começára, cheia de sincera alegria.]

FIM



E  
18  
P